

# ESCRITOR E CRIAÇÃO: *POIESIS* DO ABSOLUTO<sup>1</sup>

**Discurso de Posse pela Acadêmica  
Olga Maria Castrillon Mendes  
Na Academia Mato-Grossense de Letras  
Cadeira Nº 15**

Publicado na Revista da Academia Mato-Grossense de Letras. Cáceres-MT:  
Ed. Unemat, 2016, p. 103-116.

Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras Ac. Eduardo Mahon;

Excelentíssima Senhora Professora Dra. Maria do Socorro de Sousa Araújo, Diretora da Faculdade de Ciências Humanas, neste ato representando a Magnífica Reitora da UNEMAT, Profa. Dra. Ana Maria Di Renzo que me honra, tanto pela representativa institucional, como pela presença amiga;

Senhores Acadêmicos da Academia Mato-Grossense de Letras, a quem empenho efusiva gratidão pela forma como me recebem nesta Casa de Letras;

Digníssimas Autoridades presentes e representadas;

Querida família, baluarte da minha caminhada até aqui e alhures;

Queridos colegas professores e alunos da Universidade do Estado de Mato Grosso e queridos amigos;

Confrades do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres, parceiros dos trabalhos pelas causas histórico-culturais do município;

Caríssimos presentes que prestigiam esta cerimônia de posse, atendendo ao convite desta Academia, sintam-se todos parte do carinho com que foram pensadas estas palavras.

---

<sup>1</sup> Texto produzido na vigência do Projeto “Espaço das representações simbólicas de/em Mato Grosso: estudos de sua cultura e literatura”, subsidiado pela FAPEMAT (2014-2016).

Começo com uma imagem – a ansiedade simbólica de uma flor levada pela fonte, no belo (e conhecido) poema romântico de Vicente de Carvalho – cujo sentido inexorável da vida repercute no leitor.

A fonte e a flor

"Deixa-me, fonte!" Dizia  
A flor, tonta de terror.  
E a fonte, sonora e fria  
Cantava, levando a flor.

"Deixa-me, deixa-me, fonte!"  
Dizia a flor a chorar:  
"Eu fui nascida no monte...  
"Não me leves para o mar."

E a fonte, rápida e fria,  
Com um sussurro zombador,  
Por sobre a areia corria,  
Corria levando a flor.<sup>2</sup>

Venho, assim, acompanhada pela ansiedade dos rituais de iniciação, das breves cenas que sucedem e se confundem no ato da escrita, da simbiose de sentimentos, dos impactos das manifestações cotidianas da vida, presentes num encontro, no diálogo, no abraço ou no aperto de mãos.

No torvelinho de memórias, entre homens e mulheres que formam nosso acervo de leitura e pesquisa, co-existem acontecimentos que secretam intuições, sensações, símbolos, imagens, contaminações, nervosamente tecidos. Retalhos que se juntam em escrituras do chão mais íntimo, que unem vozes como aquelas do poeta Silva Freire: “a terra, o pasto, o túmulo!”, acompanhado pela resposta do confrade-amigo Natalino Mendes, feita do mundo novo, construído pelo mundo-de-todo-dia, e entre ele, o Poeta, o co-operador de palavras e sentidos<sup>3</sup>.

A cena construída entre o humano e o estético tem um secreto motivo: a *poiesis* em busca do absoluto, o “religare com o cosmo”, nas palavras daquele que me recebe aqui, Ac. Moisés Martins<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> CARVALHO, Vicente. *Poemas e canções*. 2. Ed. Porto: Livraria Chandon, 1909.

<sup>3</sup> Cf. MENDES, Natalino. *Discurso de Posse na AML*, em 6 de março de 1987.

<sup>4</sup> Cf. *Do Cerrado, Pantanal ao cosmo; um passeio poético* (Cuiabá: Ed. do autor, 2008, p. 185).

A aparência simples de um ritual iniciático, como o da flor levada pela fonte, reveste-se de intensidade, ganha mais que lucidez. Faz-nos contemplar e viver uma amplitude cósmica, paradigma do humanístico, que se materializa em atos simbólicos.

Pergunto-me, então, que secretos motivos me conduziram até às portas desta quase centenária Casa de Letras, morada simbólica dos que se tornaram imortais pela criação, pela arte, pelo poder da argumentação e pelo estudo?

A secreta ansiedade plasmada pelo canto telúrico que embalou o berço, plantou a semente, fincou a raiz, fez produzir a seiva que vivifica o espírito, colocando-nos entre palavras de fogo, muitas vezes sagradas. A secreta ansiedade está determinada por faróis balizadores de homens e mulheres dotados de integridade aliada às asperezas da vida, características que enriquecem o Ser, pleno da própria natureza e com capacidade de preencher a natureza do outro. Não só a capacidade de ver, mas o *como* ver freudiano: de não sermos “apenas o que pensamos ser, [...] pois somos mais: somos também, o que lembramos e aquilo de que nos esquecemos; somos as palavras que trocamos, os enganos que cometemos, os impulsos que cedemos... sem querer”<sup>5</sup>.

Desvelo, portanto, o ato simbólico de que estou revestida, neste momento em que sou conduzida à Cadeira Nº. 15 da Academia Mato-Grossense de Letras e revejo o meu percurso quando me encontro entre livros e documentos que me levaram a reconstruir a memória e o universo criativo dos seus ocupantes. Não sou poeta, mas sou achada pelas palavras. Escrevo sobre o que leio. Sinto a alma dos poetas, das personagens. Reinvento imagens e recrio conceitos. Mas meu instrumento é (e sempre foi) a palavra sedenta de vida renovada, repensada no universo dos significados e imagens, pois à função fabuladora compete inventar o mundo e as pessoas.

Por esse caminho recriador, tenho aceitado os desafios de acreditar no seu poder transformador, na fruição do verbo, posto no desejo barthiano de ser possuída pela palavra. Escrever é um ato de fé, de entrega, de despojamento: o poema “abriu o roupão pra mim. Ele deseja que eu seja”<sup>6</sup>. É impulso, é exorcização dos fantasmas ao mesmo tempo em que são os mistérios ocultos

---

<sup>5</sup> In: [www.andreamansur.com.br](http://www.andreamansur.com.br)

<sup>6</sup> Cf. Manoel de Barros. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

das imagens, metáforas e símbolos que salvam o escritor. Tanto os poetas, quanto os críticos participam do mesmo inevitável mundo; reveem-se e se refazem, construindo a própria história.

A literatura tem feito parte da minha vida de professora, de leitora e de pesquisadora, buscando sempre a amplitude dos escritores locais para além do seu pertencimento. A palavra inventa o futuro, retoca o passado e é viva no presente, oferece-nos o risco do voo (o “voar fora da asa”<sup>7</sup>) e da viagem. É brinquedo, mesmo quando bélica.

Caros Acadêmicos, escolhida pela maioria deste Sodalício, aqui estou como um símbolo: da minha bicentenária Cáceres e desta quase centenária Casa de Letras. Pelo duplo movimento da histórica simbologia, deposito aqui as armas com as quais aprendi a lutar: as palavras, e pelas quais declaro a minha profissão de fé na sua força arrebatadora e no seu poder construtivo e transformador. A magia do símbolo, portanto, não está apenas na sua representação, mas no ritual de passagem, da mesma forma como somos passageiros do tempo e como personagem da nossa própria história temos um papel social importante e comprometedor: discutir a relação entre o nosso trabalho e a ética no mundo contemporâneo. A ética como condição de pensarmos o que nós queremos deste mundo, o que estamos produzindo como mundo, pois estamos inviabilizando a condição de outros viverem nesse mundo, ou seja, de outros terem história e esse é um alerta fundamental para os historiadores, como diz Manoel Salgado Guimarães, um alerta para todos os pensadores, os intelectuais conscientes do seu papel. É preciso estabelecer formas de contatos com o outro<sup>8</sup>, livre das sorateiras vaidades humanas.

Investida desses valores básicos que trago do berço é como uma despretenhosa, mas produtora viajante de passagem que me apresento, desejosa de arrebatado o conhecimento que aqui flui. Por isso, peço licença para, humildemente, aprender no exercício da partilha e oferecer à sociedade o fruto desse trabalho, num abrangente horizonte de possibilidades e de reflexão.

---

<sup>7</sup> Idem. *Livro das ignorâncias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

<sup>8</sup> Reflexões do saudoso Manoel Salgado Guimarães, historiador e professor da UERJ e da UFRJ, retomadas da entrevista na Revista de História da Biblioteca Nacional, de 2/10/2009. [Revistadehistoria.com.br](http://Revistadehistoria.com.br), acessada em 9/1/2015.

O que me conduziu até aqui está embasado em dois motivos: o primeiro profissional, num momento em que me encontro nas penúltimas horas das minhas atividades docentes na Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT e vislumbro, nesta Casa, rara oportunidade de permanecer ligada a uma Instituição cultural e de pesquisa que me manterá atenta pelas profícuas relações acadêmicas.

O segundo motivo liga-se ao desejo (e até orgulho) pessoal de suceder, na Cadeira Nº 15, aquele que foi em vida (e continua em alguma estrela) a me acompanhar com seu brilho singular: o meu pai-amigo-leitor-orientador e Mestre, Natalino Ferreira Mendes. Por alguma razão que ainda desconheço recebia eu, nos seus últimos tempos entre nós, o incentivo para que repensasse sobre esta possibilidade. E aqui estou, não para substituir, mas para, simbolicamente, sucedê-lo, o que nos coloca em situação de auto-avaliação e avaliação do percurso de grande parte de uma vida a serviço da educação literária que é, ao mesmo tempo, a postura perante o incerto, mas necessário devir. Suceder-lo tem para mim significado especial, impossível de expressão verbal. Nele sobressai a mansidão e a ternura de um filósofo, herança, talvez, dos ancestrais; nele, as qualidades de elevado estilo natural, com toques de nobreza, carregados de beleza espiritual, próprios do homem simples de coração e atitudes. A mim me coube suceder um nome, mas não o homem, alçado à imortalidade pelo que construiu no coerente exercício da vida e no eficaz labor do verbo tecido entre a árdua tarefa do historiador e do poeta, motivos fortes para mim, talvez não suficientes para suprir as necessidades requeridas por esta Casa e pela sociedade. Mas foram os que me mobilizaram no contato com o seu acervo e inéditos a mim confiados e que aguardam estudos, principalmente, sobre o seu papel enquanto intelectual no interior de Mato Grosso. Um intelectual que, no embalo telúrico da inexorável correnteza do histórico rio Paraguai, acreditava como Tolstoi, que para conhecer o mundo é necessário primeiramente, conhecer e falar de sua vila, como retoma o imortal Rubens de Mendonça no prefácio à obra *História de Cáceres*, de 1973, sobre o qual, mais adiante, teceremos considerações. Unindo olhares sobre sua urbe, como aqueles registrados por D. Aquino e Ulisses Cuiabano, Mendes traz um quadro poético de composição romântica que diz muito do sentido de

identidade e de pertencimento à terra que norteou os escritores da primeira metade do século XX. Diz D. Aquino:

#### Cáceres

Essa que aí vês, à flor da bruta praia,  
Vila Maria apelidada outrora,  
Foi a primeira que a onda paraguaia  
Beijou neste áureo tálamo de Flora.

Em suas matas virgens, Pluto mora,  
No tapete aroma da verde poaia,  
E além, na aberta do seu campo afora,  
O belo gado inúmero se espraia.

Hoje o seu nome rememora ao mundo  
O grande que a fundou, gênio fecundo,  
Novo Hércules de feitos opulentos.

E o amplo rio, a cismar a sós consigo,  
Como um fragmento de poema antigo,  
Cáceres! Cáceres! Murmura aos ventos.

(CORREA, 1985, p. 53)<sup>9</sup>

E Ulisses Cuiabano:

#### Cáceres

Toda garrida e meiga, irradiando  
Um sorriso grácil de simpatia,  
Cáceres – a cidade da alegria,  
O nosso coração vai conquistando.

Beija-a, faceiro, o Paraguai e, quando,  
Todo repleto de galanteria  
Os pés da heril princesa acaricia,  
Um rosário de amor vai desfiando.

Luiz de Albuquerque, o grande Capitão,  
Quando lançou, no extremo oeste, a pista  
Da Lusitana civilização,

Foi de uma audácia excelsa e varonil  
- Firmando da Bandeiras a conquista  
- Dilatando a grandeza do Brasil

(MENDES, 1998, p. 15)<sup>10</sup>.

Ambos os poetas trazem a essência do telúrico, a síntese da arte, florescendo a inefável grandeza do divino sobre uma cidade mato-grossense. A

<sup>9</sup> CORREA, Francisco de Aquino (Dom). *Poética*: Terra Natal. Comemorativa do Centenário de nascimento do autor. Brasília/DF, 1985.

<sup>10</sup> MENDES, N. F. *Memória cacerense*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 1998.

beleza da forma cultiva a beleza da matéria, missão do poeta parnasiano. São a representação do artista empenhado, do culto às belas letras impressas no estético com o qual fez penetrar a essência do belo, “em cuja percepção deleita-se o espírito” (*Poética*, p. 17). Desta forma, o interior do Estado mantinha estreita relação com a capital, o que possibilitava aos escritores a saudável relação de produção e a partilha.

Ulisses Cuiabano, que esteve em Cáceres, em 1948, representou o governador do Estado Dr. Arnaldo Estêvão de Figueiredo, durante a inauguração do Ginásio Onze de Março, conforme registra o Jornal “A Razão”, de 07 de abril desse ano<sup>11</sup>.

São estas vozes, unidas a de meu antecessor que ressoavam em mim, mostrando-me, desde cedo, a possibilidade de, um dia, participar desse processo de construção cultural, principalmente, através da pesquisa nos arquivos e das trocas entre parceiros pesquisadores. E aqui estou, com a vontade juvenil e os olhos infantis, transcendendo meu próprio eu, na busca da experiência da palavra e de seu poder transformador, com a mesma ansiedade poética da flor sendo levada pela fonte, como relembro, inicialmente, na poesia deste encontro.

Ao trazer a figura do meu pai Natalino faço-o com sentimento de celebração dos mistérios, tanto da vida quanto do seu oposto, a morte; da renovação e do poder divino que nos tornam mais sensíveis aos segredos que exalam do etéreo sistema do universo. Relembro-o como uma fulgurante luz que jamais se apagará nos nossos corações e no coração daqueles que virão depois de nós. Mas também, revejo-o como o homem que viveu com intensidade e soube compor o ciclo vital: do menino, do homem, professor, pai, pesquisador, funcionário público e amigo, parceiro das conversas ao pé do morro, no acalanto do luar da bocaina, à beira do rio Paraguai, na varanda da casa do Angical onde toda a família se reencontrou na primeira metade das nossas vidas. Certamente ele pôde dizer, como o apóstolo Paulo: “combati o bom combate, venci, não perdi a fé”, palavras repetidas pelo Bispo Dom Vilar, à beira do seu esquife, num simbólico ato de finalizar as últimas parcerias na construção da Revista Centenária da Diocese de Cáceres. Continuamos nós

---

<sup>11</sup> Cf. MENDES, 1998, op. Cit., p. 15-16.

também a professar essa mesma fé que atinge a crença na humanidade, no sentimento de partilha, na firmeza do caráter, na amizade sincera. Ao deixarmos, legou-nos histórias de vida, o sentido do amor e a plenitude do Ser – aquele capaz de ouvir e entender estrelas, como aquelas cantadas por Bilac:

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo perdeste o senso!”  
E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvi-las, muita vez desperto  
E abro as janelas, pálido de espanto [...]”<sup>12</sup>

Nessa necessidade histórica de auto-compreensão, acesso o mundo a partir da Vila Maria do século XVIII, surgida da presença de Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, o 4º Capitão-General da Província de Mato Grosso, do tempo da demarcação das fronteiras entre Cuiabá e Vila Bela; da cata do ouro e da preação do indígena; das posteriores entradas bandeirantes e Expedições científicas; do comércio da poaia com o mundo, das figuras lendárias do poaieiro, do sertanejo e do boiadeiro. Entre as fechadas matas e o feraz Pantanal a terra produz e se estende pelos vastos campos de agricultura e pecuária. O Brasão inserido na Bandeira cacerense anuncia sua vocação: *Ad Sum* (Presente). Responde ecoando os antigos sítios históricos (Jacobina, Caiçara, Ressaca, Descalvados); a Igreja Matriz, o rio Paraguai e seus afluentes: Sepotuba, Jauru e Cabaçal; a memória das ruas (13 de junho, Maravilha, Tapagem, Frei Ambrósio); dos Colégios Sant’Ana, Grupo Escolar, São Miguel, Rodeio, São Pedro, Garcez); o Cemitério São João Batista (pelo qual o Acadêmico Luiz-Philippe Pereira Leite nos levou e compreender a saga da Fazenda Jacobina); os Leões do Porto Mário Corrêa (dos quais só se guarda a memória oral e poucas imagens); os lampiões de rua; a presença do Marechal Rondon (concluindo mais um trecho da extensão da linha telegráfica em direção ao Amazonas), e tantos outros fatos e personagens que compõem a galeria dos que ajudaram a construir a história da Vila Maria e da cidade de Cáceres. Como diz o memorialista:

Mas a gente, que para cá se deslocara, lançou-se à luta e da exuberância deste solo tirou a subsistência, fazendo, do

---

<sup>12</sup> BILAC, Olavo [1888]. *Poesias*. Org. e prefácio de Ivan Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.



excedente, lucrativo comércio, baseado no tripé da sustentação: agricultura, pecuária e extrativismo animal e vegetal. Hoje, passados tantos anos, voltamos ao ponto de partida em novas dimensões: Cáceres projeta-se no cenário mato-grossense, nacional e mesmo internacional, pela inigualável posição que ocupa o cruzamento de estradas, na cabeceira do Pantanal e com o potencial telúrico de que dispõe. Volta a ser, como queria Albuquerque, uma porta de comunicação não só com São Paulo, mas com o mundo. Tanto cresceu Cáceres nos anos setenta, que houve a grande explosão, dividindo-se o nosso vasto território em novos centros de produção e comércio, formando a constelação de municípios que povoam e civilizam a região sudoeste de Cuiabá (*Memória Cacerense*, p. 30-31).

Em muitos aspectos a cidade se transformou, sofreu as crises do abandono e a sua tradição bicentenária grita pela recuperação do notável patrimônio material e imaterial. Novas investidas e novas posturas clamam por atitude cidadã e projetos verticalizados, como os que já acontecem relacionados ao Patrimônio Histórico da cidade. Uma luta que depende muito mais da atitude cidadã que do poder público.

Senhores Acadêmicos, caros amigos.

No delírio ou no espanto é que vejo a AML abrindo os seus braços para mim e eu me entrego nesse elã fraterno e me ofereço ao labor do devir promissor do aconchego do espírito. Ao fazê-lo venho conduzida pelo verbo manuelino do criancamento das palavras, madurez de alma, tateando nos ariticuns, receando e vibrando pela fruição do verbo. No princípio e no delírio do verbo. No meu percurso de produção intelectual esse delírio é ainda contido pela ciência da língua, pelo contato árido das análises, mas dessa forma é que tenho sentido a vibração que me liga à busca dos sentidos de/sobre Mato Grosso<sup>13</sup>.

Essas experiências que se sobrepõem de forma muitas vezes irreconciliáveis, demandam busca incessante da nossa função enquanto escritores e poetas, estas antenas da raça (Ezra Pound) em cuja representação social tem recaído a forma de pensar o mundo como um produto

---

<sup>13</sup> Cf. *Nas raias de Mato Grosso: o discurso de constituição da fronteira*. Dissertação de Mestrado em Linguística (1998, no prelo) e *Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso*. Cuiabá: Ed.UFMT, 2013, ambos de minha autoria.

transnacional, acessado a partir do *lócus* enunciativo de cada um, como fala o pesquisador uspiano Benjamin Abdala Júnior.

Questões como quem somos? De onde viemos e para onde vamos? Me acompanham desde que, numa dedicatória paterna da primeira edição da *História de Cáceres* foi-me dada a refletir sobre os sentidos da vida. É por ela que busquei criar uma linha de compreensão dos ocupantes da cadeira N° 15 desta AML.

Quem foram Joaquim Mendes Malheiros, Augusto Cavalcanti de Melo, Francisco Alexandre Ferreira Mendes e Natalino Ferreira Mendes, seu último ocupante?

Assumiram a Academia, envergando a bandeira da cultura, personalidades que dedicaram uma vida inteira ao labor intelectual, entremeado por altos cargos na Administração Pública, nas esferas Municipal, Estadual e Federal. Incansáveis pesquisadores e profícuos auto-didatas da tradição cultural de Mato Grosso.

Todos constituíram paradigmas, tanto como estudiosos, quanto como filósofos-professores, cada qual em suas diferenças e em sua historicidade. No percurso de cada um deles subjaz a ideia de ciclo, encenado em atos individuais. São representantes de várias gerações, sedimentadas desde a primeira metade do século XIX.

Em suas particularidades, representam, ao lado de todos os outros que compõem a vasta galeria desta Casa de Letras, a rica vida intelectual de Mato Grosso nos caminhos da pesquisa que levam à compreensão do papel social e a conseqüente (e necessária) socialização das obras aqui produzidas.

Há entre eles uma explosão de sentimentos e reflexões que entram na composição da busca de uma identidade cultural em que o percurso proporciona revisão, olhar sobre o outro, para a tradição, o devir pelo ser/estar, o *hic et nunc* (aqui e agora), mesmo diante da finitude humana e muitas vezes causa da sua frágil infelicidade.

Então, trazer a tradição e a memória diante dessa fragilidade é participar da aridez do velho com a avidez do novo – reler o passado pelos lugares de memória para reinventar, preencher lacunas, reescrever e participar. O olhar de hoje que aponta erros e acertos, mas principalmente reescreve a história, recuperando aquilo que foi deixado de fora, como se coloca o lema do Instituto

Histórico e Geográfico de Cáceres/IHGC, criado em 2002, como parte do Projeto de Interiorização do IHGMT, na gestão do Acadêmico João Carlos Vicente Ferreira.

Adentro, portanto, um lugar em que a história encontra-se em constante devir; nunca acaba ou se completa. Nesse precário mundo, mobilizamos memórias. Por elas tracei a linha de sucessão da cadeira Nº 15.

E o que se desenha para nós? Quatro nomes ligados por uma coerência de produção e de comportamento, formando uma rede discursiva que une pontos distantes, todos compondo a diversidade cultural brasileira, em cujo foco busco a gênese em Mato Grosso.

Como Mato Grosso aparece nesse cenário ao mesmo tempo uno e díspare? Que imagem se construiu ao longo da quase centenária presença da AML somente através dos ocupantes desta cadeira que, de forma responsável e produtiva, passo a ser parte?

Escorre do espírito e da pena dos meus antecessores um desejo incontido, ao mesmo tempo, de uma profissão de fé e um lugar imparcial de como tradição e identidades estão expressos como atitudes humanas, inevitavelmente, disseminadoras de valores humanos. Buscam o ordenamento do passado em variadas formas do discurso pelo qual se dissemina o entendimento do sistema global em que a cultura de Mato Grosso é uma peça significativa na cartografia nacional.

Fazem parte, portanto, da galeria de intelectuais que construíram uma forma de ler o mundo e, coerentemente, vivê-lo numa temporalidade cósmica que os atravessa e os ultrapassa. Preencheram, com grandeza da alma e talento, um espaço absolutamente próprio para o seu tempo, sedimentado pelas conquistas que surgem das duras experiências da vida. Por isso foram homens discretos e firmes, instruídos na ciência e educados na consciência. Criaram para si, valores que os transformaram em memória digna. Biografias que educam e proporcionam reflexão. Basta apenas que, nas palavras de Natalino Mendes, “afinemos as cordas da nossa compreensão para reconquistar a justa harmonia ainda neste mundo”<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Palavras de incentivo à criação histórica de Hugo Studart por Natalino Ferreira Mendes, em correspondência virtual (Acervo do autor).

### **Joaquim Mendes Malheiros: o patrono (\*Cuiabá, 30/03/1830; + RJ ?)**

Nos poucos dados biográficos a que tivemos acesso, encontramos que o Dr. Joaquim Mendes Malheiros nasceu em Cuiabá, em 1830, tendo sido encaminhado pelos pais, Joaquim Mendes Malheiros e Maria Madalena de Mesquita para a Faculdade de Direito de São Paulo. Conseguiu se projetar, tanto na vida pública, como Deputado pela Província de Mato Grosso e Juiz Municipal, em Cuiabá, quanto como professor na Escola Militar do Rio de Janeiro. Desenvolveu aptidões para línguas estrangeiras, filologia, música e artes plásticas<sup>15</sup>.

Como Juiz Municipal do termo de Cuiabá sofreu, em 1857, um atentado injusto, como diz Ferreira Moutinho em sua *Notícia sobre a Província de Mato Grosso*: “Uma das intelligencias mais notáveis - nobre e honrado como deve sê-lo um juiz imparcial e recto, sofreu uma injustiça revoltante de que a historia não tem outros exemplos [...] nobreza de sentimentos, notabilidade [...]. O Dr. Malheiros honrará sempre a província onde estiver [sic]. Seus conhecimentos foram adquiridos por longos anos de fadigas nas academias [...]”<sup>16</sup>.

Certamente Mendes Malheiros garantiu aspectos de sua biografia gravados na memória dos amigos e conterrâneos que o admiravam. Uma boa forma de registro histórico-social, sem os quais teria sido impossível trazê-lo neste momento em que se celebra a memória dos meus antecessores.

### **Augusto Cavalcante de Melo: o primeiro na linha de sucessão**

Menos referenciado, mas com um importante acervo literário a ser pesquisado, é o alagoano que sucedeu o Dr. Joaquim Mendes Malheiros na Cadeira Nº 15.

---

<sup>15</sup> Cf. *Dicionário biográfico de Mato Grosso*, de Rubens de Mendonça; *Figuras e coisas da minha terra*, de Firmo Rodrigues, *Os primeiros bacharéis de Mato Grosso*, de José de Mesquita e *Discurso de posse na AML*, de Natalino Ferreira Mendes. No Dicionário Biográfico registrou-se a cidade do Rio de Janeiro como sendo o local de seu falecimento. No entanto, a Revista comemorativa aos 90 anos da AML (1921-2011), traz a cidade de Cuiabá, também em data não conhecida (Cf. Revista 90 Anos – AML. Cuiabá, 2011, p. 74).

<sup>16</sup> Cf. Joaquim Ferreira Moutinho. *Notícia sobre a província de Matto Grosso* seguida de um roteiro da viagem da sua capital a São Paulo. São Paulo: Typographia de Henrique Schroder, 1869, p. 338-9. No Tomo VIII. N. 1, outubro, novembro e dezembro, da Revista do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros/Instituto dos Advogados Brasileiros, encontro a matrícula n. 56 de Joaquim Mendes Malheiros no quadro dos membros efetivos do Instituto, segundo a ordem de antiguidade das matrículas. RJ: Typographia Presença, 1870, p. 137. Ver <https://books.google.com.br>

Nasceu Augusto Cavalcanti de Melo, na Comarca de Passo de Camaraxibe, em 1864 da união entre os agricultores Manuel Cavalcanti de Melo e Maria Pastora Cavalcanti de Melo. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Recife, tendo sido Desembargador do Tribunal da Relação de Mato Grosso. O conjunto de sua obra, conforme registrado está composto por poemas e peças teatrais escritas, entre as décadas de 1920 e 1950, sob o pseudônimo de D'Archangelus: *Capanema* (1922); *O Avaro* (comédia em 5 atos); *O Leão cativo* (1922); *A morte da águia* (1924); *O Galgo e o Mastin* (1924); *Elogio e Veiga Cabral* (1926); *Na Academia* (1926); *O Amor assassino* (1926); *Xaraés* (1927); *Drama floral* (1927); *A visão de Caim* (1927); *Da imitação de Cristo* (1928); *O assalto do castelo e o barão normando* (1928); *A morte de Gilliat* (1930); *O impostor* (1930); *22 de julho de 89* (1934); *Da leitura da escritura santa* (1935); *A beleza da mulher* (1951)<sup>17</sup>.

Ressalta-se a quantidade de textos inexplorados, cujos títulos chamam atenção pela temática: a religiosa (*A visão de Caim, Da imitação de Cristo, Da leitura da escritura santa*); a histórico-social (*Capanema, Na academia, O amor assassino e 22 de julho de 89*), a intertextual (*O avaro, O leão cativo, A morte da águia*) e a ficcional (*Drama floral; O assalto do castelo e o barão normando; A morte de Gilliat, o Impostor*) que, certamente virão à luz pelas mãos de especialistas em literatura e dramaturgia, como do conterrâneo, acadêmico Agnaldo Rodrigues da Silva, cujas pesquisas sobre o teatro têm ampliado a compreensão da dramaturgia de/em Mato Grosso.

### **Francisco Alexandre Ferreira Mendes: nos limites entre dois mundos**

Francisco Mendes constitui uma antiga admiração pessoal que se liga ao período em que eu cursava Letras na UFMT, nos anos 1970 e me enveredava pela escrita de uma monografia de especialização sobre o garimpeiro de Mato Grosso, influenciada que estava pela presença do meu sogro baiano, Mário Macedo Araújo, o primeiro a trabalhar em uma lapidação de diamantes em Cuiabá, entre os anos 1948 e 1950.

Intimidada pelo ar austero do professor Francisco, descobria aos poucos a sua doçura, despreendimento e uma incrível capacidade de contar a que só

---

<sup>17</sup> Ver Revista 90 Anos da Academia Mato-Grossense de Letras (1921-2011), Cuiabá: AML, 2011, p. 74.

tive acesso alguns anos mais tarde. O surgimento de Cuiabá, a vida monçoeira dos desbravadores à cata do ouro, os massacres indígenas, o povoamento, a ocupação da fronteira oeste do Brasil, o preconceituoso conceito de distância e isolamento de Mato Grosso, tudo isso permeado por indicações bibliográficas que até hoje fazem sentido em minhas reflexões. E pensar que não consegui nem ligar o gravador e não tive tempo de voltar a vê-lo porque já estava de malas prontas para a derradeira viagem. Mas continuei o meu roteiro nas sementes que plantou em minha vivência acadêmica, por pistas cada vez mais verticalizadas em busca dos múltiplos sentidos que ainda estavam por ser descobertos.

Dele ficou, além da carinhosa lembrança, o legado de uma obra insistentemente revisitada. Pode-se dizer que *Lendas e Tradições Cuiabanas* e *Folclore Mato-Grossense*, ambas de 1977, são antológicas. Constituem horizontes de perspectiva entre um passado revisitado em suas longas e profícuas leituras, reflexões e escritura, e um futuro almejado, no estilo do universo utópico necessário, de Ernst Bloch. Entre a necessidade de manutenção do substrato popular e a incerteza do porvir o estudioso esteve nos limites conflituosos do passado, a ser preservado, e do futuro que significava o enfrentamento do progresso ameaçador.

Natalino Mendes sintetiza esse preponderante aspecto de sua obra:

Francisco Mendes percebe nessa contraposição o novo sentido de que deve tomar a luta pela defesa do passado e estende o seu estudo até a própria alma do povo. Dedicar-se ao nosso fabulário e ao nosso folclore, procurando, através deles informar e manter a continuação histórica da nossa sociedade, perpetuando a vida da cidade na descrição de esquecidas lendas ouvidas nos serões de solar avoengo, lendas simples, histórias singelas, que assinalam, porém, a índole de um povo e definem o caráter de uma raça forte e respeitável na sua crença e na sua fé<sup>18</sup>.

Essa dualidade, ao mesmo tempo em que o coloca no conflito, dá um novo sentido ao estudo, chegando à exploração da alma do povo, através das manifestações populares. Dedicar-se ao fabulário, ao folclore, buscando a manutenção da continuidade histórica da sociedade e definindo a índole do

---

<sup>18</sup> MENDES, Natalino Ferreira. *Discurso de posse*. Ed. do autor, 1987, p. 21.

mato-grossense, tal qual o fizera o historiador da literatura, Sílvio Romero de quem era leitor.

Francisco Mendes tem o domínio do léxico que manuseia com prestimosa escolha a ponto de suas peças narrativas soarem como poemas<sup>19</sup>.

O sentimento de pertencimento acentua em sua obra a reconstituição das imagens constituidoras da identidade mato-grossense. É ainda Natalino Mendes que trabalha com a ideia de que o seu antecessor foi professor e educador em tudo que fez, falou e escreveu. É o professor que se “lança à pesquisa histórica, ilustrando-se no conhecimento do passado da terra natal”. É o professor que se “manifesta no historiador, no jornalista, no ensaísta, no folclorista”<sup>20</sup>. Para o Acadêmico Benedito Pedro Dorileo, é o padrão de professor, o cultuador da língua, tomando-o como paradigma da profissão “que exige sempre renúncia, renúncia e renúncia”<sup>21</sup>.

Das terras diamantinenses buscou a ciência nesta cidade de Cuiabá de onde nunca mais lhe foi dado retornar, porém continuou, na imprensa, a cantar a poesia e a riqueza do sertão nortista. Diz sobre a honra de assumir o Centro Mato-Grossense de Letras: “não é minha unicamente, mas é a glorificação do meu norte, cuja poesia está na vida livre, nas passifloras magníficas, nas campinas maravilhosas, na mata veneranda”<sup>22</sup>.

No intuito, portanto, de contribuir com estes estudos já feitos pelo meu antecessor, interessa-me agora o Francisco Mendes jornalista, escrevendo ativamente n’*A Cruz*, n’*O Estado de Mato Grosso*, n’*A Revista Violeta* e como correspondente de *O Estado de São Paulo* e *O Jornal*, do Rio de Janeiro. Embora não tenha conseguido abarcar todos estes periódicos, alguns aspectos estão sendo perseguidos, frutos de um projeto posterior que não cabe neste espaço de reflexão.

---

<sup>19</sup> Dentre alguns textos veiculados na RIHGMT, destacam-se: “O folclore na obra de José de Mesquita”. RIHGMT. Anos XXII-XXIII. Tomos XLIII-XLVI, p. 104-108; “A bondade de D. Aquino”. Ano XXIV. Tomos XLVII-XLVIII, 1956, p. 20-21; “O teatro em Cuiabá”. Anos XXV-XXVI. Tomos XLIX-LII, 1957-1958 e republicado no Tomos XCVII-XCVIII. Ano LIV, 1982, p. 9-15; “A mata do Angical”. Tomo LV, Ano XXIX, 1962, p. 114-119; “Tragédia mesopotâmica”. Ano XLIX. Tomos XVII-CVIII, 1977, p. 55-56.

<sup>20</sup> Idem, p. 17.

<sup>21</sup> Ver “Homenagem ao Professor Francisco A. Ferreira Mendes”. In: RIHGMT, tomos CVII-CVIII. Ano XLIX, p. 93-97.

<sup>22</sup> MENDES, Francisco A. F. *Discurso de posse*. Revista da AML, p. 66.

Encontro, ainda, no Discurso de recepção de Francisco Mendes na AML, feito pelo poeta Oscarino Ramos, na Revista do Centro Mato-Grossense de Letras, um fragmento singular em que o juiz saúda o professor:

[...] entre a função de julgar e a de educar há uma grande e palpável afinidade. São os paralelos que correm para o mesmo destino. São dois rios que deságuam na mesma foz. São dois sacerdócios iguais [...]. O professor instruindo os cérebros infantis e o juiz assegurando os direitos dos seus concidadãos são fatores da grandeza de um país.

Vistos como sacerdócios similares, a função do professor está em consonância com a do juiz. Ambos instruem e asseveram direitos, possíveis da grandeza do Ser humano.

Por sua vez, e coroando o processo de entrelaçamento das funções humanas, Francisco Mendes conceitua o ato da própria escrita no discurso de posse da AML:

Poesia é no povo. Eu criei-me na largueza livre, correndo, bebendo nas fontes vivas e quando o calor abafava, despiame, pendurava a roupa num galho e atirava-me n'água, nadando contra a correnteza. Poesia para mim é água em que se refresca a alma e esses versinhos que por aí andam muito medidos, podem ser água, com sabonete inglês e esponja. Eu, para mim, quero águas fartas – rio que corre ou mar que estronde. Bacia é para gente mimosa, eu sou caboclo, filho da natureza, criado ao sol.

Em águas mansas ou revoltas, Francisco Mendes acredita na tradição renovada, sem perda da identidade cultural, na fé na terra e na essência da vida humana, da mesma forma como se ligará ao trabalho acadêmico o seu sucessor Natalino Mendes.

Por uma coincidência (ou não) a história de Francisco Mendes se uniu à minha quando, no início da carreira como professora efetiva do Estado, trabalhei na escola que, merecidamente, carrega o seu nome, no Bairro Boa Esperança, próximo à casa onde eu morava, à beira do histórico e, até então, piscoso rio Coxipó.

### **Natalino Ferreira Mendes: o pássaro-poeta**

Como último ocupante da Cadeira que dignificou Mendes Malheiros, Cavalcante de Melo e Francisco Mendes, Natalino Ferreira Mendes compõe,



uma linha tênue que se liga pelos estudos da cultura mato-grossense, desta feita, elegendo a cidade natal como o lócus pelo qual acessou o mundo.

Desde *História de Cáceres: administração municipal* (1973 e 2009), passando por *Marco do Jauru* (1983), *Efemérides cacerenses* (1992), *Memória cacerense* (1998), *História de Cáceres: origem, evolução, presença da Força Armada* (2010), além de publicações avulsas e artigos veiculados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso<sup>23</sup>, Natalino Ferreira Mendes tece fatos e personagens da história, registrando e transcrevendo documentos dos arquivos públicos com os quais compôs seus escritos, tanto em formato de datas, quanto de crônicas, de narrativas históricas e poemas.

Pelas linhas mais interiores, do sertão nortista de Francisco Mendes à beira do caudaloso rio Paraguai de Natalino Mendes, até que ponto o sentido do trabalho intelectual vai significar paradigma de uma época e como se pode compreender o papel que esses homens exerceram na sociedade mato-grossense, tanto como cidadão empenhado, quanto como atuante membro de Instituições sociais a que pertenceram?

Natalino Ferreira Mendes, nasceu no dia 3 de janeiro de 1924, descendendo do humilde lar de Bertholdo Ferreira Mendes e Anatólia Trindade Mendes, na bifurcação da Rua Pe. Casemiro, esquina com a Rua Treze, até ao Sangradouro, no Bairro Cavahada, como canta em versos:

Nessa esquina, à direita da enxurrada,  
construíra meu pai a nossa casa de morada.  
Acordei para a vida  
nesse ponto da cidade,  
e os meus encantos de criança  
eram a chuva copiosa  
de verão  
e o conseqüente escachoar  
das águas correndo  
impetuosas  
barulhentas  
por sobre o calçamento irregular

---

<sup>23</sup> Destacam-se alguns: “Cáceres: 200 anos” (Tomos CIX-CX, Ano L, p. 35-36, 1978); “Ao IHGMT” (Tomos CXIII-CXIV, Ano LII, p. 250, 1980); “Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres: homenagem ao fundador de Poconé”, por ocasião do bicentenário daquela cidade, 21/01/1981 (Jornal Equipe, Cuiabá, 25/01/1981 e na RIHGMT, Tomos CXV-CXVI, Ano LIII, p. 3-12, 1981); “D. Aquino: culto a Maria”. RIHGMT, Tomos CXXIII-CXXIV, Ano LVII, p. 32, 1985; “Sabinada: 150 anos”. RIHGMT, Tomos CXXIX-CXXX, Ano LX, p. 67, 1988; “Um marco na formação de Mato Grosso”. RIHGMT, Tomo CXLVI, Ano LXX, comemorativa aos 250 anos da Capitania de MT, p. 70, 1998.

da ladeira de pedra  
da rua Padre Casimiro

(MENDES, 2010, p. 14)<sup>24</sup>

Da periferia da cidade ao centro de formação da mentalidade matogrossense, proliferou sua obra marcada pelas raias fronteiriças pelas quais compreendeu o sentido sócio-histórico e cultural do povo. Teve vida longa e produtiva. Foi um raio de sol para a família, a cidade e para várias gerações de alunos. Foi também um desses homens de fé que convencem pela postura e pela coerência, que busca a unidade na diversidade de pensamentos. Ao falar da Cavahada, o bairro mais antigo da cidade, da Ponte de Pedra, do sentido de uma cidade portuária para Mato Grosso, das raízes, costumes e ocupação do município, da contribuição de Cáceres para o cururu matogrossense, encontra luzes que ajudam a esclarecer as posturas e a mentalidade do povo. “As expressões da cultura, presentes no viver da comunidade, dão espaço para novas expressões, vindas de fora, que chamam atenção pela forma e conteúdo, diferentes das nossas” (Cf. *Cururu*, 1998, inédito)<sup>25</sup>.

Esse é o substrato com o qual adentrou a Casa Barão de Melgaço, por incentivo do amigo, na época vereador em Cáceres, Pedro Paulo Pinto de Arruda Filho. Cuidou de elaborar o seu discurso de posse, ouvindo “repetirem-se no seu íntimo palavras de fogo do Senhor a Moisés, partidas da sarsa ardente: ‘Tira os teus sapatos dos teus pés, porque o lugar em que tu estás é terra santa’”<sup>26</sup>. Bebendo sua inspiração no livro que costumava ter à mão, bastou-lhe, como para Moisés, apenas a fé: bastou saber que o Senhor estaria com ele.

Professou a fé, somada ao húmus da terra que, mesclado ao destas terras cuiabanas, sabiamente engrandeceu sua obra e solidificou amizades, cujos frutos colhi em cada contato mantido com os ilustres acadêmicos desta Casa. Muitos deles, amigos de longa data que me sintetizaram sua personalidade: “a cultura domesticada pela humildade, pois a humildade no

---

<sup>24</sup> MENDES, N. F. *Pássaro vim-vim: poesia da terra*. Cáceres-MT: Ed. UNEMAT, 2010.

<sup>25</sup> Palestra proferida na Academia Mato-Grossense de Letras, no dia 26 de maio de 1998.

<sup>26</sup> Cf. Discurso de posse de Natalino Ferreira Mendes, p. 11.

sábio não é qualidade, mas condição”<sup>27</sup>. Ou ainda amigos mais jovens que passaram a admirá-lo: “elegante como pessoa e influente como intelectual”<sup>28</sup>.

Pergunto se o exercício diuturno como diretor e professor do *Colégio Onze de Março*, que ajudou a fundar, juntamente com o também idealista Capitão Candido Nunes, do 2º Batalhão de Fronteira, aliado às extenuantes funções na administração municipal de Cáceres, moldou o seu caráter, a sua visão de mundo, a sua paixão pela terra?!

Nos lugares de memória que exploro é possível divisar imagens do homem público que exerceu a função de auxiliar-protocolista do Tesouro do Estado de Mato Grosso; diretor e professor de português do *Instituto Onze de Março* e Secretário de Administração, de Educação e Desenvolvimento Social e Chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal de Cáceres, por mais de três décadas, sempre atento aos documentos com os quais se constituiu garimpador-de-acervo e autodidata. Pela pesquisa encontrou o sentido da própria existência, manteve-se firme na condição de pai e mestre para os 6 filhos, 13 netos e 10 bisnetos, muitos deles aqui presentes hoje. Apregoava a crença no homem e no mundo pela voz e pela pena, na ponta da qual surgiram os poemas de louvor à vida e à terra natal, como na *Lenda da Princesa do Paraguai*.

Descia o rio dos Paiaguás  
princesa linda das terras diamantinas  
do alto Paraguai.  
Vinha de longe, muito longe,  
num airoso barco ornado  
de Vitórias-Régias...  
- Seu nome ninguém sabe.

Encantada com a visão  
das terras que se espraiam  
desde o rio  
até a Serrania Azul  
do lado que o sol nasce,  
à praia abicou  
no ponto em que o Paraguai  
graciosa curva descreve  
antes de procurar o sul. [...]

Em êxtase ficou  
voltada para o poente...  
Alguns naturais acorreram

---

<sup>27</sup> Palavras do Ac. Benedito Pedro Dorileo em contato telefônico.

<sup>28</sup> Palavras do Ac. Eduardo Mahon em contato via e-mail.

e, plantando suas choças  
de folhas de palmeira,  
fizeram-lhe a corte.

Assim nasceu Cáceres, a princesa do alto Paraguai.  
(MENDES, 1993, p. 16)<sup>29</sup>

Presentifica-se, na epopéia romântica que funda a cidade, as raízes do fabulário, aliadas às fecundas pesquisas em documentos oficiais com que construiu a base da sua produção. Bebeu na fonte escorreita da escrita de Machado de Assis e D. Aquino Corrêa, autores que o acompanharam toda uma vida produtiva de leitura e reflexão.

O conjunto da obra o imortalizou em variados lugares de memória, como a Escola Professor Natalino Ferreira Mendes, os Auditórios da Fundação Cultural de Cáceres e da Faculdade do Pantanal/FAPAN; os trabalhos de pesquisa publicados nas Revistas do Instituto Históricas e Geográfico de Mato Grosso e de Cáceres (IHGMT e IHGC) e na Academia Mato-Grossense de Letras/AML, nesta última atuante por 24 anos. Em todas as Instituições veiculou os escritos mais importantes sobre sua gente e sobre a História de Cáceres, cujos feitos cantou e contou nos gêneros da crônica e da poesia, como em *Memória cacerense, Anhuma do Pantanal* (1993) e *Pássaro vim-vim* (2010), sua última publicação em vida.

Entre a história e a *poiesis*, o discurso da/sobre a cidade exala o fascínio sobre os pioneiros, os símbolos perenes (e silenciosos) da memória e, principalmente, do povo e das riquezas culturais que produz. Hoje, revisitamos a história através das pesquisas que reverberam o verdadeiro sentido da imortalidade.

Cedinho levantam-se elas  
as lavadeiras  
(da minha infância).  
Preparam o 'quebra-torto'.  
Das roupas a lavar  
fazem trouxas,  
munem-se de sabão, anil e porrete.  
Tudo posto na bacia  
- alvissareiras –  
seguem para o rio  
As lavadeiras.

---

<sup>29</sup> MENDES, N. F. *Anhuma do Pantanal: poesia da terra*. Passo Fundo/RS: Ed. Pe. Berthier, 1993. Do pesquisador Edson Flávio Santos me vem a informação que o poema foi musicado pelo Grupo Raízes, de Cáceres.

Lá dividem-se em setores  
no porto preferido:  
- Furadinho  
Malheiros  
Fonseca  
Dom Thomaz  
Carne Seca.

(MENDES, 2010, p. 10)<sup>30</sup>

A poética, aliada à narrativa histórica, como escrevi no prefácio ao livro de poemas *Pássaro vim-vim*, e reproduzo em parte aqui, é chave que interpenetra palavras plurais, definindo certo tom de diálogo com a memória do leitor. Modulam as frequências do coração e profusões telúricas de modo que não é de saudade que fala, mas de resíduos de lembranças que estão coladas nos compassos da vida. Há, então, certa juventude eterna e irreprimível nos versos que brotam do canto do pássaro-poeta. Essa poesia é o cântico à natureza e à cidade. O lirismo empresta ao tom memorialista um novo matiz. Toda a memória com cheiro e cores de infância, reflete a alma de poeta romântico. Num desfilarmas de aves, cantos e rumores de lembranças remetem aos mais remotos pontos da cidade: na “ladeira de pedra”, no “beco das oliveiras”, na “capelinha em ruína”, no “campanário da matriz” onde Cecilinho comunicava vida e calor aos seus sinos. Evoca o que conhece e exalta, elegendo o motivo do seu canto. O poeta não quer apenas gravar a música do passado, mas sugerir-lhe o movimento, as sensações táteis e emotivas, todas testemunhas derradeiras da memória.

Como objetos desse poder linguístico estão a “mangueira deitada”, a vetusta piuveira do sangradouro, a draga fundeada no porto da Serraria Castrillon, o porto novo no velho ancoradouro do Fonseca, a Ilha de Cáceres, o Marco do Jauru, a Tapagem, o cumbaru de ouro, a casa da panela, o carro de bois, o vapor Etrúria, o lampareiro, o poaieiro, o pé-de-garrafa... filigranas delicadamente entrelaçadas, tecendo o curso da existência.

O universo todo cabe neste pedaço de chão do Pai Congo, do Padre Mira, da lavadeira Nhá Luiza, do Padre Paulo, do Silva Freire, do mano Nelson, todos, como o próprio poeta, transformados em estrelas.

---

<sup>30</sup> MENDES, 2010, op. Cit.

O canto do pássaro, assim, é a respiração do universo e traz para o poema os mais diversos sons, nele imprimindo um tenaz e contínuo movimento – metáfora da vida e dos sentimentos. A poesia tem luz, som e movimento, mobilizando os sentidos. Existe um quadro, um concerto, fenômeno de interação entre o homem e o ato recriador, permeado pelo divino, como acreditava.

O que foram, então, os 87 anos de vida perante o tempo do universo...?! Diria o confrade/amigo Silva Freire, que o recebeu solenemente nesta Casa: “é chuvisquinha, aspectos d’água sem punhos do tempo, pois não se tapa o passado, goteira-o por entre dentes”.

E é goteirando nos espaços simbólicos guardiões dos secretos motivos que unem as almas das pessoas, que se busca definir a existencia (i)material de Natalino Ferreira Mendes.

Homem chão. Não viajava, pois se atravessasse a Ponte Marechal Rondon ou o Trevo de São Luiz, já sentia saudades. Permaneceu nos (des)limites do rio e no encontro de caminhos da entrada da cidade, forjado pelo *silencio orgânico* das palavras. Fez do seu chão o sentido da busca da própria existência.

Por várias vezes foi homenageado com diplomas, comendas e mérito legislativo e acadêmico, sem nunca perder a natural simplicidade. Participou ativamente da vida na comunidade, contribuindo com a criação de várias instituições, dentre elas a APAE, o Hospital *O Bom Samaritano*, o IESC (embrião da UNEMAT), o Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres, dentre outras, seguindo a linha proposta por Rubens de Mendonça da escrita da história do Brasil a partir das várias regiões culturais que compõem a sua imensa geografia.

Sua trajetória aqui atesta a “suavidade do meu caminho preparado por ele”<sup>31</sup>. Plantou sementes que fecundaram amizade e admiração sinceras, sentidas em todos os que me receberam, ajudando-me a tecer estas memórias. Neles e em todos os que compõem o campo intelectual do Estado, temos configurado o quadro sistêmico da cultura brasileira produzida em Mato

---

<sup>31</sup> Referência sobre o Acadêmico, feita pela Confreira Elisabeth Madureira Siqueira.

Grosso, para utilizar a sábia expressão do pesquisador Mário César Silva Leite, da UFMT<sup>32</sup> de cujo grupo de pesquisa tenho o prazer de participar.

Caminhando entre os atores sociais, é possível divisar, tanto a responsabilidade de que todos são revestidos, quanto o papel social a ser desempenhado, principalmente no tocante à socialização da produção encastelada nas Instituições, tarefa a que tenho me empenhado nos últimos anos e proponho implementar como associada desta Instituição. Não esquecendo, porém, dos valores básicos: a sincera amizade, a partilha e, principalmente, o desenvolvimento dos valores humanos que dignificam os homens e mulheres desta Casa, preocupados que estão, também, com “o tempo presente, os homens presentes, a vida presente”, como canta o poeta Drummond.

Descubro, então, entre o legado da memória oral e escrita do meu antecessor, quatro faces do seu labor intelectual: do cronista-historiador, do professor-pesquisador, do pássaro-poeta e do menino-mateiro. Todos forjados na rica experiência do lar paterno, no contato com a sala de aula e na administração pública, em cuja base corria a seiva do amor. Exercitava e pregava o maior e mais difícil dos mandamentos: “amar ao próximo como a si mesmo”. Ao final da vida fez surgir a figura do menino voltado para raízes morroqueanas. Na lida com a terra, de onde brotaram as flores que ornamentam esta cerimônia, nas conversas com o boiadeiro e na contemplação muda do etéreo reafirmou a fé nos homens e compôs hinos de louvor à vida.

Além da morte  
[...]  
Da fronde de copada árvore,  
Em cuja sombra estou,  
Folhas caem.  
Folhas verdes...  
Uma após a outra vão caindo,  
Sucumbindo.  
Mas a árvore, essa é a mesma,  
Viçosa, viridente,  
Copa voltada para o firmamento,  
Estuante de vida,  
Esperançosa de frutos.

---

<sup>32</sup> O professor Mário é líder do atuante Grupo RG Dicke de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (UFMT/CNPq)

Na própria natureza uma lição!  
O que interessa é a vida!

- Mas, que é a vida?

Ao discípulo que lhe pediu  
Para ir primeiro enterrar o pai,  
Jesus responde:

- “Segue-me e deixa os mortos  
Sepultar seus mortos”.

Quem se ilude?

Jesus é a vida!

- Vida que não admite a morte,  
Porque em Cristo ninguém morre.

(MENDES, 1993, p. 86)<sup>33</sup>

Das profundas origens brotaram o cantor da terra, o visionário e o educador em busca incansável da compreensão do mundo e da consciência do dom divino que a tudo governa. Da diuturna dedicação às leituras de documentos, a produção constante em prosa e verso que ficará para além de si mesmo.

Eis o homem e a sua obra por mim definível. Mas há outros construídos por outros olhares que estão sendo revisitados pelas pesquisas em seu acervo.

Caros Acadêmicos, distinta platéia.

Concluo este percurso de pesquisa e reflexão com o que ouvi do filósofo Bertrand Russell em entrevista veiculada nas redes sociais. Indagado sobre o que diria sobre a sua vida e as lições que aprendeu, para as gerações que assistissem ao vídeo daqui a mil anos, responde com dois recados: um intelectual e outro moral.

O conselho intelectual é este: quando você está estudando um assunto, ou considerando alguma filosofia, pergunte a si mesmo, somente: quais são os fatos? E qual é a verdade que os fatos revelam? Nunca se deixe divergir pelo que você gostaria de acreditar ou pelo que você acha que traria benefícios às crenças sociais se fosse acreditado. Olhe apenas e somente para quais são os fatos [...]. O conselho moral é muito simples: o amor é sábio, o ódio é tolo. Nesse mundo que está ficando mais interconectado, temos que aprender a tolerar uns aos outros, aceitar o fato de que algumas

---

<sup>33</sup> MENDES, 1993, op. Cit.



peessoas dizem coisas que não gostamos. Só podemos viver juntos dessa forma, se nós vivermos juntos e não morreremos juntos precisamos aprender a bondade da caridade e da tolerância. O que é absolutamente vital para a continuação da vida humana neste planeta.

O pouco que conseguimos conhecer e sentir de/sobre Natalino Ferreira Mendes nos mostra que estava no cultivo do recado moral do filósofo inglês, pois durante toda a vida soube cultivar o Amor, a bondade e a tolerância, herança da qual se orgulhava de ter deixado para os que vieram depois dele.

Minhas derradeiras palavras, enfim, são de gratidão e calorosa homenagem.

Aos meus amigos presentes (e ausentes), mas sempre irmanados; aos alunos, ex-alunos e orientandos, personificados no artista-pesquisador que me emprestou a voz na interpretação do poema-símbolo *Pássaro vim-vim*, o doutorando em Estudos Literários Edson Flávio Santos. Vocês constituem memórias perenes do meu aprendizado.

Aos familiares, aqui representados na figura da minha amada mãe, Olga, e meu tio-mestre, Furlan<sup>34</sup>, baluartes desta família, presentificando meu ausente pai, figura indecifrável na lembrança que acalenta nossa alma. Ele está aqui, em cada palavra e neste meu momento tão especialmente pensado por ele. Ecoa, ainda, em mim, o derradeiro recado de não perdermos o encantamento pelo mundo, tomando por empréstimo o olhar da criança, a capacidade de fascinação, de êxtase diante das pequenas coisas, da forma como fez.

Obrigada!

Cuiabá-MT, 29 de maio de 2015.

---

<sup>34</sup> Fausto Furlan é pintor e cenógrafo de Oderzo/Itália (1927). Produz no Brasil desde 1951 e radicou-se na cidade de Campo Grande-MS.